

FOGO-FÁTUA

A fotografia é a arte de escrever com a luz. É uma arte relativamente recente. A primeira captura de uma cena foi feita no verão de 1826; era uma tomada da janela da casa do francês Joseph-Nicéphore Niepce. O daguerreótipo veio alguns anos depois, como fruto de pesquisas de Niepce e Luis-Jacques Mandé Daguerre.

A máquina fotográfica, em essência, por muitos anos manteve-se baseada nos mesmos princípios; através de um orifício, a luz penetra em uma câmara escura e impressiona um anteparo que reage quimicamente a esta luz. Depois de fixada neste anteparo, a cena capturada é transferida para o papel – esquecendo as Lomo e Polaroid. Isso já depois do daguerreótipo.

Os sistemas de captura, ao longo desse tempo, evoluíram bastante. Objetivas, diafragmas, cortinas, disparadores, reguladores de modos de exibição... enfim, uma gama enorme de intrincados sistemas facilitou em muito a vida dos fotógrafos, permitiu uma farta dose de liberdade nas tomadas de cena e no tratamento da imagem, e tornou bastante populares os sucedâneos do daguerreótipo.

Mesmo com todo o desenvolvimento, uma máquina fotográfica tinha vida longa. Tenho ainda alguns exemplares das “antigas” máquinas. Uma Kapsa tipo “caixão”, uma descartável Love e uma cobiçada Asahi Pentax – uma 35 mm com um jogo de objetivas capaz de causar inveja a muitos fotógrafos –, todas em perfeito estado de funcionamento. Todas aposentadas! Onde revelar os filmes, que são uma encrenca danada conseguir? Aliás, só mesmo por saudosismo valeria a pena colocá-las em ação novamente.

Li numa revista *Fotografe Melhor* um texto de Eduardo Masami Kitahara, onde ele lembra que, quando começou a fotografar, herdou de seu pai, na década de 1980, uma Pentax Spotmatic, adquirida em 1972. Diz ele que, naquele tempo, “as câmeras passavam de pai para filho”. A minha saudosa Kapsa “caixão”, também uma herança desse tipo, é de meados da década de 1960.

Ainda herdei de um primo – que sabe do meu vivo interesse pela fotografia – uma Pentax Espio 738 – com “auto focus e red-eye reduction” – e uma Yashica EZ-Zoom 90 – com “auto focus, red-eye reduction e power zoom”. Alimentadas a acetato, ambas são cheias das inovações tecnológicas. Inovações agora obsoletas. Elas estavam mofando numa prateleira da casa dele, já que eram objetos quase arqueológicos, lá da década de 1990. E ainda recusei uma oferta de um amigo, que também queria me presentear com uma relíquia similar, automática, toda paramentada de modernidades já sem viço. Achei que ele deveria guardar um pouco da história, para que seus filhos percebessem em casa o efêmero frescor das tecnologias de ponta.

De pai para filho, hoje, máquina fotográfica nem pensar!

Atualmente transito com uma Canon Rebel 350 – DSRL com sensor ótico CMOS, reflex, 8MP –, quer dizer, um verdadeiro “dinossauro” digital, mas que dá pro gasto, penso eu. Uma Canon 60D – ou quem sabe até uma D7 – já está me chamando a atenção.

As câmeras digitais mudaram os hábitos de fotografar. Antes umas poucas fotos, que eram reveladas e copiadas em papel; hoje, dezenas ou centenas de clicks são disparados numa festa ou passeio. O resultado disso terá como destino o compartilhamento em redes sociais, o arquivamento em alguma mídia ou um impiedoso descarte. Até as imagens, que já valeram “mais que mil palavras”, se tornaram inapelavelmente descartáveis. Saídas em papel passaram ser coisa muito rara.

Há poucos meses, no Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC, onde leciono, foi feita uma chamada para “desovar” equipamentos sem uso amontoados nas salas dos professores e nos laboratórios. Em poucos dias, uma verdadeira avalanche de carcaças de computadores, monitores, impressoras, HDs, leitoras de CDs, placas-mãe, *mouses*, teclados, cabos, fontes e mais um incalculável volume de tralhas tecnológicas entupiu os corredores. Alguns caminhões de “entulho” tecnológico partiram dos prédios rumo a não se sabe onde, pois pouca serventia tais equipamentos poderiam ter.

Parece que o que mais tem feito a tecnologia é exatamente pulverizar o conceito

de tecnologia. Tecnologia, hoje, é uma novidade fugaz, fogo-fátuo; um eterno sopro de esperança, mas com pouco fôlego. É uma promessa sempre em vias de se fazer. Vá tentar substituir baterias gastas de um celular ou de um laptop! O vendedor recomendará – com um nada sutil sorriso a escorrer pelo canto da boca – jogar tudo fora e comprar aparelhos novos, mais modernos e com mais recursos, que substituem tudo o que existia antes. E a empreitada nem valeria mesmo a pena, pois a revitalização seria apenas uma “meia-sola” cara e capenga, pois a obsolescência, qual tsunami, varre tudo em pouco tempo.

Interessante é perceber, nesse jogo todo, que o tempo que levamos para absorver, compreender e utilizar a contento alguma novidade tecnológica abocanha grande parte do nosso tempo; e que, no mais das vezes, não utilizamos mais que uns poucos recursos dos novos aparelhos. Mesmo assim, sempre acreditamos que a novidade em lançamento finalmente nos saciará a sede por tecnologia.

Parece que compramos a novidade, não o utilitário tecnológico. Tomamos posse do *status* vinculado à tecnologia, nos vestimos com ele, nos vangloriamos dele, nos deliciamos com o desafio de dominar a novidade, mesmo que dela nem façamos uso integral até que, pouco ali à frente, a declaremos obsoleta e a troquemos por outra que faça nossos olhos brilharem mais efusivamente.

Se a fotografia é a arte de escrever com luz, talvez tecnologia seja o fogo de artifício que usamos para rabiscar as nossas incertas histórias.

Mas como viver sem a santa e bela tecnologia?

Luiz Teixeira do Vale Pereira
Nepet – março de 2011